



# *E*NSAIO POÉTICO





# OTHONIEL MENEZES (1895-1969)

## UM POETA, UMA CANÇÃO

Iaperi Araújo<sup>1</sup>

Othoniel Menezes (1895-1969) talvez seja mais conhecido pelos versos da canção *Praieira* (Serenata do pescador) do que propriamente por toda sua obra literária (Fotografia 1). Poeta e jornalista, teve uma vida marcada por fatos importantes em sua formação intelectual, desde o suicídio de sua mãe aos 28 anos de idade, sendo ele o caçula dos filhos, a mudança para o interior do Estado, a eleição como *Príncipe* dos poetas potiguaros pela intelectualidade local, sua participação como editor do jornal *A Liberdade* no levante comunista de 1935 até seu autoexílio no Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 19 de abril de 1969.



**Fotografia 1:** Othoniel Menezes

<sup>1</sup> Médico, escritor, ocupante da cadeira nº. 23 da Academia Norte-rio-grandense de Letras; membro da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Eleito para a cadeira nº 23 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, nunca tomou posse. Diziam que não aceitava usar roupa social e sapatos fechados para a solenidade. Outros insistiam que ele desprezava a imortalidade literária e acadêmica.

Nascido em 10 de março de 1895 em Natal, numa casa onde hoje funciona a Fundação Cícera Queiroz, na rua das Laranjeiras nº 16, Cidade Alta (Fotografia 2), teve que ir morar em Jardim do Seridó, onde, em 23 de outubro de 1889, sua mãe Maria Clementina de Menezes Melo suicidou-se (Fotografia 3). Era a primeira fatalidade de sua vida. O poeta tinha apenas 4 anos de idade. Além de Othoniel, Maria Clementina tivera, do seu casamento com o capitão João Felismino de Melo, 4 filhos: Francisco, João, piloto militar, morto num desastre de aviação no Campo dos Afonsos no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1920, e Gabriel. Viúvo, o capitão casou novamente com Celsa Bezerra Fernandes de Melo, com quem teve os filhos Waldemar, Gizélia, Miralva, Irama, Alda e Alba.



**Fotografia 2:** Casa onde nasceu o poeta, na rua das Laranjeiras 16, Cidade Alta, em Natal



**Fotografia 3:** Lápide do túmulo de sua mãe em Jardim do Seridó (RN)

Em 1918, publicou em Natal seu primeiro livro de poesias, *Germem*, quando também foi eleito *Príncipe* dos poetas potiguares. Era moda da época essa eleição, e Othoniel já revelava, com seu primeiro livro de cunho nitidamente neo-parnasiano, sua brilhante inteligência e inspiração poética.

Em 1923, publicou *Jardim tropical*, incluindo o poema *Serenata do Pescador*, que, por sugestão de um amigo, entregou para ser musicado pelo também poeta Eduardo Medeiros (1886-1961). Esta *Serenata* que ficaria conhecida depois por *Praieira* fora composta em 1922 para homenagear os bravos pescadores do Rio Grande que fizeram um *raid* Natal-Rio de jangada nas festividades comemorativas do centenário da Independência do Brasil. Seu caráter romântico e a beleza da melodia tornaram-na um quase hino das serenatas que embalavam a Natal dos anos 20.

A canção teve sua primeira apresentação pública em um show musical apresentado por Deolindo Lima, no então Theatro Carlos Gomes em 16 de dezembro de 1923, e sua primeira gravação se deu em acetato pela Radio Nordeste em 1956, em ritmo de baião, cantada por Valdira Medeiros, filha do compositor Eduardo Medeiros com o conjunto regional de Duca Nunes.

Em 1971, pelo Decreto Municipal nº 12, de 22 de novembro, a Prefeitura de Natal considerou a Serenata do Pescador (Praieira), *Canção Tradicional da Cidade*, uma espécie de hino romântico da capital potiguar.

Othoniel Menezes foi jornalista e editor de vários jornais de Natal, inclusive, *A República*, jornal oficial do Governo do Estado, havendo se envolvido no episódio do levante comunista de 1935 quando foi responsável pela edição do jornal *A Liberdade*, o que lhe rendeu três anos de prisão pelo Tribunal Nacional.

Foi secretário de governo em várias administrações, mas sempre fez poemas que eram publicados nos jornais literários da capital. Muitos foram musicados. Alguns se perderam na memória musical da cidade. Outros foram resgatados pelo pesquisador Cláudio Galvão.

Em 1958, foi eleito para a cadeira 23 da Academia Norte-rio-grandense de Letras em substituição ao poeta Bezerra Junior. Nunca tomou posse. Uns afirmavam que não tolerava esse negócio de imortalidade. Outros, que ele não aceitava a imposição de usar paletó e gravata para a solenidade de posse.

Depois de *Jardim tropical*, publicado em Recife em 1923, somente em 1952 veio a publicar o seu *Sertão de espinho e flor*, onde resgata suas memórias e vivências no sertão do Seridó potiguar.

Três anos depois, publica o que seria seu último livro, *A canção da montanha*, sem, contudo, deixar de escrever.

Em 1961, quando se realizava em Natal um Congresso de Escritores, uma caravana de intelectuais visitou-o em sua casa, onde vivia recluso e doente. Foi uma tentativa tardia de resgatar a figura e a obra de um dos grandes poetas do Rio Grande do Norte.

Em 1963, foi-se para o Rio de Janeiro, onde, pobre e doente, veio a falecer em 19 de abril de 1969.

Fora casado em primeiras núpcias com Maria do Carmo Ferreira de Melo, com quem teve os filhos Euryalo, Maria do Carmo e Maria de Lourdes. Enviuvando, casou com sua prima legítima Maria da Conceição Ferreira (1900-1968), com quem teve os filhos Terezinha, Washington, Hermilo e Laélio.

Depois de sua morte, foram publicados *Ara de Fogo*, *Abysmos e Esparsos* em 1989 pela Editora Clima; *A Cidade perdida – Desenhos animados – Esparsos* pela Editora da UFRN, dentro da Coleção Humanas Letras em 1995 e, por último, *O cancionário de Othoniel Menezes*, também pela Editora da UFRN, na mesma coleção, em 1995, todos com base em pesquisas e comentários do Professor Cláudio Galvão.

Othoniel Menezes, apesar de não ter sido um poeta com vasta e extensa obra como outros do seu tempo, e seguir um estilo parnasiano, mesmo beirando a modernidade, é considerado um dos grandes poetas do Rio Grande do Norte. Não é somente pelos versos de sua "serenata do pescador", transformada em canção pela Prefeitura do Natal, mas principalmente pela sua obra marcada pela sensibilidade e pela riqueza verbal. Sem se prender aos rígidos cânones do parnasianismo, como neste poema do "Sertão de espinho e flor":

Ah! Quem me dera o tesouro  
Da lira mágica de ouro  
Que Apolo deu a Anfió.  
Desses penhascos da serra  
Te ergueria, oh minha terra,  
Portentoso panteon.

Rente as nuvens o idealizo  
Vaqueiros depê, no frizo  
E um joazweiro o coruchêu  
Verde entre espinhos e flores  
Emblema das tuas dores  
Bebendo a chuva no céu!

Ou ainda neste verso em que saudoso, fala de sua terra Natal:  
És linda. Iara morena,  
Pulando, da água serena  
Do Potengí, a cantar,  
Nua, à sombra dos coqueiros,  
Perfumada de cajueiros,  
- os seios furando o mar!

Othoniel Menezes, quarenta anos depois de sua morte e cento e nove anos após seu nascimento, mesmo com uma obra admirável de equilíbrio, sobriedade e expressiva criatividade poética, ainda é lembrado como o autor de "Praieira". A lembrança não desmerece o poeta. Poucos são imortais na lembrança do povo, mesmo quando a imortalidade está contida num único poema.

O ex-vereador Leôncio Queiroz tem mantido em permanente lembrança a memória do poeta, unicamente por funcionar a sua Fundação

Cícera Queiroz na casa onde nasceu o poeta. Da mesma forma, seu filho, Laélio Pereira e o historiador Cláudio Galvão realizam um trabalho de edição de textos inéditos e edição de livros que compõem a sua bibliografia. O único Príncipe dos Poetas Potiguares está vivo na lembrança dos seus pósteros e nas serenatas onde se canta: "Praieira, dos meus amores..."

### **OBRAS PUBLICADAS** (poesia):

- *Gérmem*. Natal: Tipografia M. Victorino e A. Câmara, 1918.
- *Jardim tropical*. Recife: Imprensa Industrial, 1923
- *Sertão de espinho e flor*. Natal: Imprensa Oficial do Estado, 1952.
- *A canção da montanha*. Natal: Oficina Gráfica do Departamento Estadual de Imprensa, 1955.
- *Ara de fogo. Abysmos. Esparsos*. Pesquisa e introdução de Cláudio Galvão. Natal: Clima, 1989. (Obra póstuma).
- *A cidade perdida – Desenho animado – Esparsos*. Introdução de Cláudio Galvão. Natal: UFRN/CCHLA, 1995. (Coleção Humanas Letras; Obra Póstuma).
- *O cancionero de Othoniel Menezes*. Pesquisa, grafia musical e introdução de Cláudio Galvão. Natal: UFRN/CCHLA, 1995. (Coleção Humanas Letras; Obra Póstuma).